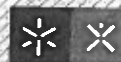


Atividade Física, Saúde e Lazer

Educar e Formar

COORDENAÇÃO

Isabel Cabrita Condessa
Beatriz Oliveira Pereira
Graça Simões de Carvalho



Universidade do Minho
Instituto de Educação da Coruja
Centro de Investigação
em Estudos da Criança (IEC)

FICHA TÉCNICA

- TÍTULO** Atividade Física, Saúde e Lazer:
Educar e Formar
- COORDENAÇÃO** Isabel Cabrita Condessa
Beatriz Oliveira Pereira
Graça Simões de Carvalho
- EDIÇÃO** CIEC, IE, UM, Braga, Portugal
- APOIO** Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Centro de Estudos da Criança (CIEC) Instituto de Educação (IE),
Universidade do Minho (UM)
- CAPA** Sereer
- CONCEPÇÃO GRÁFICA** Sereer, soluções editoriais
- TIRAGEM** 500 exemplares
- DEPÓSITO LEGAL** 347154/12
- ISBN** 978-972-8952-22-8

O CONTRIBUTO DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: PERCEÇÃO DOS PROFISSIONAIS, DOS PAIS E DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS	127
DENISE ROCHA, GRAÇA SIMÕES CARVALHO	

PARTE III

Como vão as Atividades Curriculares?

AS ATITUDES DOS ALUNOS FACE À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	137
PAULO PEREIRA	
A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SECUNDÁRIO: COMPREENDER AS ATITUDES PARA PENSAR A MUDANÇA. UM ESTUDO DE CASO	147
CATARINA PACHECO, ISABEL CABRITA CONDESSA	
AS TIC NO APOIO À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	159
JOÃO PAULO GASPAS, ISABEL CABRITA CONDESSA	
CONTRIBUTOS DA LITERACIA EXPRESSIVA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES: EM BUSCA DE ALTERNATIVAS	169
ANA PAULA BATALHA, ANA MACARA	

PARTE IV

A Formação do Profissional de Educação Física: Diversidade nos Olhares

SOCIALIZAÇÃO ANTECIPATÓRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: CARACTERIZAÇÃO SOCIO BIOGRÁFICA E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES E ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO	179
CÉSAR SA	
A FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES – ANÁLISE DE UM PERÍODO DE FORMAÇÃO	189
JOSE NEVES, ISABEL CABRITA CONDESSA	
ALGUNS OLHARES PARA O CORPO NA DANÇA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL	201
KATIA MORTARI, ANA PAULA BATALHA	
CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO SUPERIOR ..	213
DALTON ARNOLDO NASCIMENTO, ANTÓNIO CAMILO CUNHA	

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SECUNDÁRIO:
COMPREENDER AS ATITUDES PARA PENSAR A MUDANÇA
UM ESTUDO DE CASO

CATARINA PACHECO¹, ISABEL CABRITA CONDESSA²

RESUMO: O presente estudo, realizado numa Escola Secundária da Região Autónoma dos Açores (ES), pretendeu identificar as atitudes dos alunos do 12º ano de escolaridade face à Educação Física, aos currículos estabelecidos para a disciplina e à forma como são implementados na escola e confrontá-las com as perceções dos professores de Educação Física (EF) dessa escola. Partimos do pressuposto de que o conhecimento destes fatores permitiria aos profissionais desta área disciplinar “repensar” as suas práticas no futuro, através da implementação de um novo projeto que os conduzisse à otimização do seu desempenho, numa atividade profissional que se deseja cooperativa, reflexiva e inovadora.

A nossa amostra foi constituída por 358 alunos pertencentes ao 12º ano de escolaridade de ambos os sexos, e por 20 professores do grupo de EF que lecionaram durante dois anos letivos sucessivos nessa escola. Os dados, quantitativos e qualitativos, recolhidos pela aplicação de inquéritos por questionário e análise documental (análise de documentos da escola), foram tratados estatisticamente no SPSS.

Os principais resultados obtidos neste estudo permitiram-nos concluir que os alunos do ensino secundário apresentavam uma atitude favorável em relação à EF escolar, se bem que existissem uns fatores que eram mais favoráveis à sua prática, diferenciando-se um pouco a atitude de rapazes e de raparigas. As perceções dos professores nem sempre foram coincidentes com as atitudes e preferências dos alunos, contudo foram claras as necessidades de mudança: uma maior seleção dos conteúdos do currículo, em práticas mais adequadas aos jovens e a promoção de um ensino mais inovador e colaborativo.

¹ Escola Secundária Antero de Quental, Ponta Delgada, Açores, Portugal.

² Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Instituto da Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
Departamento de Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Açores, Portugal.

Introdução

As disciplinas de Língua Portuguesa e de Educação Física articulam-se ao longo de todo o percurso escolar, desde o jardim-de-infância até ao 12º ano. Esta prerrogativa torna a EF numa das disciplinas que mais horas contribuem para a formação dos alunos. As alterações que surgiram e, continuam a ocorrer, na sociedade atual, implicam adaptações a vários níveis da nossa realidade social, política, cultural e educativa. A Educação e a EF escolar, em particular, não podem fugir a esta realidade, estas necessitam de estar atentas a todas estas transformações para poderem realizar as adequações necessárias, pois só assim conseguirão cumprir da melhor forma a sua verdadeira função: contribuir para o aumento da qualidade de vida da sociedade.

Nos últimos anos, a EF nas escolas tem estado em declínio porque os conteúdos dos seus programas têm desinteressado, cada vez mais, os estudantes. A Carta Internacional da EF e Desporto da UNESCO (1978) refere no artigo 3º: “Os programas de EF e de Desporto devem corresponder às necessidades dos indivíduos e da sociedade”.

Já em 1997, Kirk expressava que os alunos assimilam do meio envolvente expectativas e perspetivas diferentes daquelas que lhes são oferecidas pela escola e pelos professores. O que nos sugere que, muitas vezes, as mudanças sociais e culturais tornam a EF obsoleta e a necessitar de refletir os seus propósitos e as suas práticas. Quase na mesma altura, em Portugal, Garcia (1999) referia que a EF está em crise salientando que enquanto a sociedade já diversificou as práticas desportivas, a disciplina de EF, com uma função educativa das práticas desportivas, tende a manter o mesmo estereótipo.

Atualmente, Oliveira (2002:5) é da opinião que as Atividades Físicas e Desportivas “(...) estão gastas e saturadas” e que deverão ter em conta as tendências da sociedade atual assim como os desejos dos jovens salientando que “(...) sempre mais do mesmo, e sem grandes perspetivas de evolução, tem levado à saturação e à qualidade duvidosa do sucesso alcançado, expresso numa discrepância entre os resultados obtidos e os esperados. Vejamos as finalidades da Educação Física e os objetivos do Desporto Escolar e interroguemo-nos seriamente sobre se os mesmos têm sido alcançados. Referimo-nos, concretamente, à elevação da aptidão física; aos conhecimentos sobre a mesma; à compreensão e aplicação de princípios, processos e problemas de organização e participação na atividade; ao reforço do gosto pela prática regular das atividades físicas; ao aperfeiçoamento dos jovens nas atividades físicas. Só com muito boa vontade podemos eventualmente responder que sim” (2002:6).

Pensamos que a existência de um currículo repetitivo, em que os alunos, ano após ano, aprendem as mesmas modalidades, pode ter como consequência a promoção de atitudes negativas face à EF. As mais recentes alterações ao currículo de EF, no ensino secundário tentam, de certa forma, ultrapassar esta problemática.

São várias as razões que têm levado os investigadores a estudarem sobre as crenças dos alunos, nomeadamente a promoção de mudanças ao nível do repertório comportamental dos alunos no seu relacionamento com as matérias de estudo, com a figura do professor e com a instituição escolar (Condesa et al., 2003). Neste sentido, o conhecimento das perceções que os alunos demonstram sobre o gosto da disciplina de EF permitirá compreender de forma mais fundamentada as atitudes expressas pelos alunos em relação às referidas aulas, conforme referem vários autores (Gonçalves, 1998; Brandão, 2002).

Creemos que o estudo acerca do papel do aluno, entendido, pois, como sujeito fundamental do sucesso de realização da sua educação e formação, através da análise dos seus significados e representações, poderá contribuir para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, sobretudo quando reforçado com a análise das crenças dos professores.

Para aprofundarmos as questões do currículo, de modo a conhecermos verdadeiramente o que pensam os professores, as pesquisas a realizar necessitam de examinar os processos de pensamento dos professores (Clark & Peterson, 1986). Pois, o pensamento destes profissionais determina muito daquilo que efetivamente realizam na sua prática letiva. Neste sentido, Neves (1995:100) menciona que “(...) muito do que os professores fazem, é condicionado pelas suas próprias conceções do ensino, da escola, do seu papel como professores, das finalidades que de uma forma explícita ou não, atribuem à sua disciplina no âmbito do Sistema Educativo.” Esta ideia é consolidada por Vieira quando refere que “Existe de facto uma escolha clara da finalidade mais e menos importante por parte de cada um dos professores, e de alguma maneira, essa escolha é influenciada pelas orientações educacionais dos mesmos” (2003:295).

A didática da EF também tem sido alvo de várias investigações, nomeadamente no que diz respeito ao pensamento do professor do ponto de vista das suas crenças e teorias. Condesa (2003:51) refere que “(...) as aprendizagens que os alunos realizam nas aulas de EF estão muito relacionadas com as suas motivações e resultam das suas construções mentais quanto à própria disciplina (...)”. É ponto assente que a EF será efetiva na promoção do seu currículo e, conseqüentemente, na aquisição de estilos de vida ativos, se as atividades que o integram forem do agrado dos alunos. Os conteúdos curriculares são identificados como os fatores mais determinantes de experiências positivas e negativas nas aulas de EF (Lopes e Cunha, 2007) e o conhecimento dos professores sobre as perceções e atitudes dos alunos acerca do currículo, é fundamental para o desenvolvimento de atitudes positivas.

Metodologia

Considerando o enquadramento do estudo, o propósito desta investigação foi, por um lado, realizar a análise das perceções e atitudes dos alunos do 12º ano face à EF e aos conteúdos do seu currículo e, por outro, averiguar se as representações dos professores de EF acerca dessas perceções e atitudes dos alunos eram realistas. Creemos que os professores que conhecem estes fatores podem desenvolver conteúdos e atividades do currículo que sejam as mais desejadas pelos jovens e aplicar estratégias/metodologias mais adequadas, promovendo nos alunos uma disposição mais favorável a uma prática da atividade física a médio prazo.

O instrumento de recolha de dados, dos alunos, utilizado foi o questionário desenvolvido por Tannehill et al. (1994) e adaptado e validado por Brandão (2002). Esta ferramenta, composta por seis partes possibilitou obter informação detalhada dos alunos sobre: dados biográficos; objetivos, finalidades e valores da EF; perceções de conteúdo e de desagrado pela disciplina e perceções da sua importância na formação ao nível do ensino secundário; perceção da importância e grau de preferência da EF em

comparação com outras áreas disciplinares; atividades ou técnicas percebidas como mais e menos importantes no currículo da EF; percepção de quantas e quais as matérias que gostariam de abordar na disciplina de EF. Baseado neste questionário, foi elaborado e validado um segundo questionário que foi aplicado aos professores.

Foi construída uma base de dados no Programa Informático SPSS 15.00 onde foram lançados os dados recolhidos. Para a análise estatística desses dados recorreu-se a técnicas estatísticas descritivas (valores absolutos e percentagens) e comparativas (Teste “t de Student”).

Apresentação e Discussão dos Resultados

Os nossos resultados incidiram primeiro sobre a noção que os professores de EF da ES tinham quanto às percepções e atitudes dos alunos relativamente ao funcionamento da disciplina da EF na escola e sobre a adequação do currículo de EF do ensino secundário aos interesses e capacidades dos jovens.

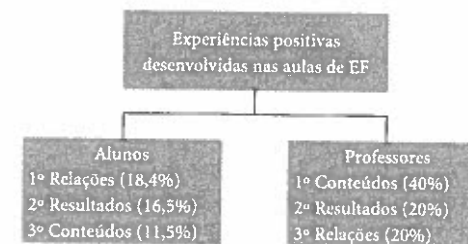
No que diz respeito à importância que a EF assumia na formação académica dos alunos, 53,6% valorizaram de forma significativa a disciplina, considerando a EF como importante ou muito importante, valores semelhantes aos obtidos por Cunha e Lopes (2007).

As percepções e atitude dos alunos foram analisadas a partir de experiências mais e menos positivas, isto é, em situações de agrado e de desagradado relativamente à área disciplinar. As atividades diversificadas, o divertimento e o gostar do professor foram os aspetos de agrado percebidos, pelos alunos, como os mais importantes.

Por sua vez, os docentes perceberam como condição de agrado dos discentes esses fatores e, ainda, o facto de as aulas serem bem organizadas. O carácter misto das aulas, incluindo rapazes e raparigas nas atividades realizadas, foi o aspeto que mais se diferenciou entre o que percebiam os professores e os alunos (“t de Student” – $t = 3,168$ a $p=0,005$), sendo bastante valorizado pelos jovens. Estes dados são coincidentes com os de várias investigações (Tannehill et al., 1994, Brandão, 2002; Cunha e Lopes, 2007) que revelam que os fatores que mais agradam aos alunos são as atividades diversificadas, o divertimento, o ambiente co educacional e o gostar do professor.

Da análise das respostas abertas sobre os seus comentários a “algo que tenha acontecido no decorrer das aulas de EF que o tenha agradado ou desagradado”, relevam que foram os rapazes que mais privilegiaram as experiências tidas como positivas (15% – rapazes e 5,7% – raparigas). Estes dados poderiam significar que as raparigas referem, em número superior, que nada lhes agrada em EF, por manifestarem um desapeço pela disciplina. Porém, concordamos com Brandão (2002) quando refere que pode significar uma série de atividades e eventos que, embora sejam apreciados pelos alunos, não se destacam de forma evidente.

Figura 1 – Experiências positivas desenvolvidas nas aulas de EF

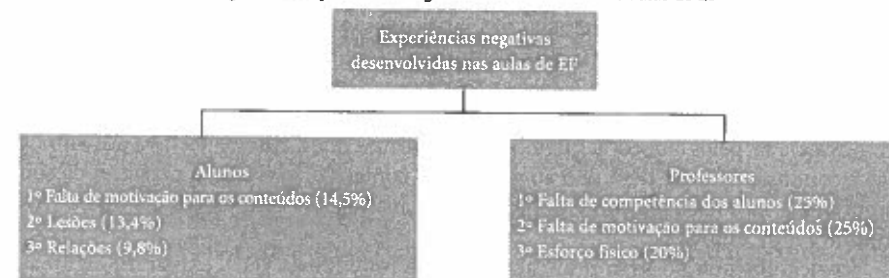


No que diz respeito às experiências vividas e percebidas como positivas (Figura 1) as “relações”, os “resultados” e os “conteúdos” foram as categorias mais referidas pelos alunos do nosso estudo. Apurámos diferenças entre géneros no que diz respeito à categoria das “relações”, com mais 9% das raparigas a focarem este aspeto; e, à categoria dos “resultados”, em que foram os rapazes quem mais privilegiam esta resposta (mais 6%).

Nos aspetos de desagradado para com a disciplina de EF verificámos que existiam diferenças entre as percepções dos alunos e dos professores, o que pressupõe que os professores de EF da ES não conheciam quais os reais fatores que poderiam provocar sentimentos de desafetação dos alunos para com a disciplina.

Por outro lado, os professores, quando questionados sobre algo que consideravam que poderia ser do agrado dos seus alunos, ou que os fizesse sentir-se bem, referiram em primeiro lugar os “conteúdos” (40%), em seguida os “resultados” (20%) e, por fim, as “relações” (20%). Esta informação, apesar de não ser concordante com a ordem com que foi apresentada, é consentânea com o que percebiam os alunos da ES, evidenciando um conhecimento por parte dos docentes sobre o que agradaria aos discentes nas aulas da disciplina.

Figura 2 – Experiências negativas desenvolvidas nas aulas de EF



Nas experiências percebidas como negativas (Figura 2), os alunos apontaram como principais fatores: a “falta de motivação para os conteúdos” (14,5%), as “lesões” (13,4%) e as “relações” (9,8%). Este resultado é consistente com o do estudo de Coelho (2000), em que os conteúdos e as atividades que os alunos percebiam como possíveis causadores de lesões são percebidos de forma negativa. Por outro lado, a injustiça nas

avaliações foi também um dos principais aspetos de desagrado percebido pelos alunos. Algumas investigações revelam que os fatores que promovem descontentamento face à EF nos alunos são o tempo escasso de aula, a injustiça percebida na avaliação e a desmotivação (Brandão, 2002; Cunha e Lopes, 2007).

Neste item, os professores da escola elegeram em primeiro lugar duas categorias: 25% referiram como fatores de experiências negativas a “falta de competência dos alunos” e outros 25% “os conteúdos” lecionados. A categoria “esforço físico”, ou seja, as respostas que relatam a insatisfação por exercícios que exijam esforço físico, foi referenciada por 20% dos docentes como fator promotor de experiências negativas nos discentes, remetendo para a falta de habilidade e, conseqüentemente, para a falta de motivação dos alunos para a área desportiva.

Seguidamente analisámos a noção dos professores sobre as percepções dos seus alunos quanto aos conteúdos curriculares da disciplina de EF no Ensino Secundário, analisadas a partir das atividades referidas como as mais ou menos apreciadas pelos discentes, dando sempre realce à diferenciação entre rapazes e raparigas.

No que diz respeito ao currículo desejado constatámos um consenso geral acerca dos conteúdos curriculares que idealmente a EF deveria trabalhar. Aproximadamente 83% dos alunos inquiridos consideraram que a EF deve, fundamentalmente, desenvolver a prática de desportos coletivos, bem como as técnicas que os suportam.

Embora um elevado número de professores de EF da ES (75%) desse muita importância ao ensino da prática de desportos coletivos (DC) e individuais (DI), valorizaram pouco o ensino das técnicas que os suportam (40%). Comparando o que pensavam alunos e professores sobre a importância de aprender técnicas de desportos coletivos e individuais constatámos a existência de diferenças significativas (DC: “*t* de Student” – $t = 4,928$ a $p = 0,000$ e DI: “*t* de Student” – $t = 4,109$ a $p = 0,000$), com os alunos a darem muito mais importância a esse fator.

Na escola estudada, à semelhança do verificado por Brandão (2002) e Cunha e Lopes (2007), grande parte dos alunos inquiridos (74%) referiram que a EF deveria trabalhar a condição física (CF), corroborando assim a opinião dos seus professores de EF que atribuíram uma maior importância, nas suas aulas, ao trabalho da condição física. Porém, constatámos que, apesar de os alunos aceitarem que a melhoria da condição física seria um dos objetivos da EF, esta não foi uma atividade da sua preferência.

Concordamos com Brandão (2002) quando refere que a condição física surge muitas vezes associada, pelos alunos, às atividades de corrida e que a atitude positiva dos alunos face à condição física se deve não ao gosto pelo conteúdo, mas sim, à percepção da sua importância na sociedade contemporânea e na sua relação com estilos de vida ativos promotores de saúde.

Verificámos que no item praticar desportos individuais (DI), existiram algumas discrepâncias entre os alunos de diferentes géneros (76% das alunas e somente 68,5% dos alunos). Porém, no que diz respeito ao ensino das técnicas de DI os alunos, independentemente do género, encaram-no como um dos objetivos fundamentais da disciplina.

Foi sobre se a EF deveria abordar a área do ensino da Dança que registámos pouca concordância por parte de alunos e de professores. Os alunos apresentaram valores inferiores (menos 7% do que os professores) e diferenças acentuadas em função do

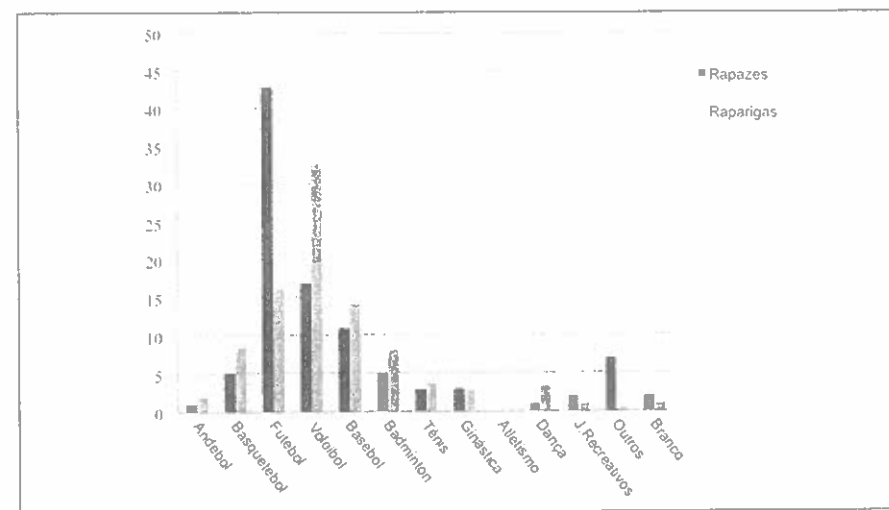
género (“*t* de Student” – $t = 9,834$ a $p = 0,000$), com 52% das raparigas a concordarem com o ensino da dança, contra os 16% dos rapazes.

Outro dado curioso diz respeito à importância que foi atribuída pelos professores (60%) e alunos do ensino secundário (49%) ao ensino de jogos recreativos, principalmente quando no Arquipélago os jovens nem sempre privilegiam as atividades competitivas na EF (Condesa, 2003). Nas atividades recreativas foram as raparigas que mais se destacaram dos rapazes (“*t* de Student” – $t = -2,675$ a $p = 0,008$), em conformidade com resultados de estudos anteriores (Brandão, 2002; Cunha e Lopes, 2007).

Como conclusão referimos que existe alguma convergência entre o que os alunos e professores consideraram que deveria ser o currículo de EF, exceto nos itens “ensinar técnicas de desportos coletivos e individuais”. É nossa convicção que os professores de EF nas suas aulas devem promover atividades que agradem e motivem os alunos.

Da observação do gráfico (figura 3) verificamos que em geral os Desportos Coletivos (4 áreas nucleares: futebol, basquetebol, voleibol e andebol) estiveram no topo da lista das “atividades preferidas” (60,8%).

Figura 3 – Gráfico dos valores percentuais das atividades preferidas em EF, análise por género



Este resultado vai ao encontro dos dados obtidos por Gonçalves (1998), Brandão (2002), Marmeleira e Gomes (2007). Curiosamente, a segunda categoria de atividades melhor classificada é uma modalidade alternativa, com pouca tradição na Ilha, o Basebol (12,8%). Este resultado demonstra que os alunos gostam de aprender atividades diferentes das ditas “atividades tradicionais”.

Ao analisarmos o gráfico (figura 3) constatamos que no género feminino o voleibol recebeu 32,7% das escolhas, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Gonçalves (1998) e Brandão (2002). No género masculino, como era de esperar, o futebol foi a modalidade mais escolhida (43%). A afinidade dos alunos do género masculino pelo futebol é consistente com os estudos de Gonçalves (1998) e Brandão (2002).

Para averiguarmos quais as percepções dos docentes de EF sobre os fatores que agradavam aos alunos da ES, na disciplina de EF, foi-lhes solicitado que indicassem uma atividade por género. Verificamos que os professores inquiridos consideravam que as atividades preferidas dos alunos diferem consoante o seu género. Assim, 90% dos professores, quando questionados sobre qual consideravam ser a atividade preferida dos alunos do género masculino, referiram o futebol. No que diz respeito às atividades que os professores consideraram ser as preferidas do género feminino existiu alguma variedade de respostas. Desta forma, os professores também foram realistas e consideraram ser o voleibol a atividade mais preferida, seguiu-se a dança e os jogos recreativos.

Ao compararmos os dados obtidos junto de alunos e de professores, constatamos que as percepções dos professores foram mais realistas no que diz respeito à dança e aos jogos recreativos que esta crença não foi concordante com os dados obtidos, já que a segunda e terceira preferências das alunas recaíram no futebol e basebol respetivamente.

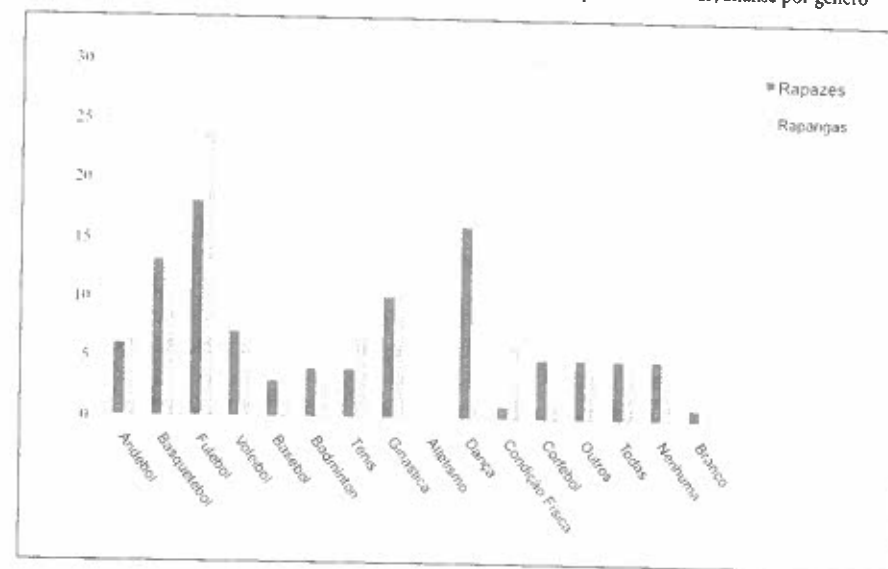
No âmbito das “atividades menos preferidas” verificámos que os Desportos Coletivos ficaram no topo da lista (47%). Esta evidência é algo inesperada, principalmente, quando constatamos que 18% dos alunos do género masculino referiu o futebol como a atividade de menor agrado. Estes dados são, de certa forma, contrários aos resultados obtidos no currículo desejado, onde aproximadamente 83% dos alunos inquiridos consideraram que a EF deve, fundamentalmente, desenvolver a prática de desportos coletivos, bem como as técnicas que os suportam.

A Ginástica foi a segunda categoria a ser referenciada (10,9%). É de salientar o facto de desde o ano letivo 2002/2003, no 11º e 12º ano o currículo ser organizado por opções, ou seja, um aluno pode transitar em ambos os anos sem, por exemplo, ter praticado ginástica na disciplina de EF. Assim, a ginástica pode não ser do seu agrado mas, como já não é “obrigado” a praticar esta modalidade, desde o 10º ano, os alunos podem até ter-se esquecido de mencioná-la.

A dança surgiu como a terceira atividade menos apreciada pelos alunos desta instituição (8,4%). Apesar do Programa Nacional de Educação Física no ensino secundário apontar a dança como atividade nuclear, neste nível de ensino, os professores de EF desta instituição, optaram por considerá-la como modalidade alternativa. Um destes motivos, como já foi referenciado, foi a falta de motivação dos alunos para a aprendizagem da dança, percecionada pelos professores de EF. Desta forma, tal como referimos para a ginástica, um aluno pode transitar em todos os anos, neste nível de ensino, sem ter abordado a dança na disciplina de EF. Assim, a dança pode não ser do seu agrado mas, como já não é “compelido” a praticar esta modalidade, desde o 9º de escolaridade, o aluno pode esquecer de mencioná-la.

Foi-nos possível, através da análise dos sumários relativos ao ano letivo em análise, verificar que, efetivamente, a ginástica (2% do total das aulas no ensino secundário) e a dança (1,6% do total das aulas no ensino secundário) são atividades pouco abordadas na disciplina de EF, no ensino secundário.

Figura 4 – Gráfico dos valores percentuais das atividades menos preferidas em EF, análise por género



Quando comparamos quais as atividades menos preferidas por género (gráfico da figura 4) constatámos que rapazes e raparigas nomearam o futebol como a atividade de menor preferência, resultado que aparece por ter sido a modalidade mais abordada nas aulas de EF da ES no ano letivo em análise, sendo referida em 20,1% dos sumários analisados. No género feminino a segunda modalidade menos apreciada foi a ginástica (12%), seguida do basquetebol com 10%. Os rapazes apontaram a dança como a segunda modalidade menos prezada (16%) e o basquetebol como a terceira (13%), o que não deixa de ser um dado inesperado.

Ao compararmos os dados obtidos pelos resultados sobre as atividades percecionadas pelos professores como as menos preferidas pelos alunos, registamos que continuaram a não existir grandes discrepâncias quanto às percepções das alunas, com indicação do futebol (70%) e da ginástica (15%), mas averiguamos a existência de algumas discrepâncias para os rapazes. Assim, os professores quando questionados sobre as atividades percecionadas como as menos preferidas dos alunos do género masculino da ES, referem a dança e a ginástica (85% das escolhas). Estes resultados são pouco concordantes com os dos alunos, como referimos anteriormente os rapazes focam em primeiro lugar o futebol, seguido do basquetebol.

Da totalidade de professores de EF da ES, 60% referiu como primeira finalidade da EF a promoção nos alunos do gosto pela prática regular das atividades físicas (AF), assegurando junto destes a compreensão da sua importância como fator de saúde ao longo da vida e garantindo o aperfeiçoamento motor em atividades físicas da sua preferência. Esta é também a perspetiva de Gonçalves (1998), quando refere que um dos objetivos almejados pelo professor de EF deve ser o inculir nos alunos o gosto pela prática das atividades físicas (AF), de modo a prolongá-la ao longo da vida.

Por isto, consideramos necessário refletir sobre mudanças, que caminhem lado a lado com os interesses e capacidades reais dos alunos do ensino secundário, e que se projetem a dois níveis: a nível macro, pela reflexão profunda sobre a existência de uma EF capaz de cumprir com os seus objetivos, (re)avaliando permanentemente o número e o tipo de matérias previstas no currículo da EF para o ensino secundário; e a nível micro, no contexto escola, onde os professores devem cooperar e se organizar de modo a proporcionar uma inovação pedagógica, promovendo um ensino por modalidade e por nível de habilidade em vez da tradicional aula por turma.

Conclusões

Os principais resultados obtidos neste estudo permitem-nos apresentar as seguintes conclusões:

- os alunos do 12º ano em geral, e os rapazes em particular, manifestam uma disposição benéfica para com a EF apresentando uma atitude mais favorável para com atividades curriculares diversificadas, propiciadoras de prazer e ensinadas por um professor do seu agrado;
- os alunos manifestam uma atitude desfavorável para com o pouco tempo destinado às aulas de EF e para com o processo de avaliação, que consideram ser injusto;
- os professores percebem como principais fatores de desagrado dos discentes a falta de motivação e a falta de habilidade para a prática;
- os professores de EF da ES não conhecem quais os reais fatores que podem provocar sentimentos de desafetação dos alunos para com a disciplina;
- para a mudança desejada na EF da escola estudada em particular (ES), e do ensino secundário em geral, os professores são da opinião que se deve analisar e selecionar mais o número de modalidades/ matérias a implementar no currículo;
- os professores são de opinião que se deve promover um ensino inovador na EF, com o apoio e maior colaboração entre os professores.

Referências

- Aranha, A. e Melo, P. (2006). Níveis de satisfação com as aulas de Educação Física. *Revista Horizonte*, 121 (XXI), 8-16.
- Garcia, R. (1999). Da Desportivização à Somatização da Sociedade. In J. Bento, R. Garcia, A. Graça, (Org.). *Contextos de Pedagogia do Desporto. Perspectivas e Problemáticas*, pp: 113-163. Lisboa: Livros Horizonte.
- Brandão, D. (2002). Expectativas e Importância atribuída à Disciplina de Educação Física – Estudo comparativo por género dos alunos do 12º ano de escolaridade nas escolas Secundárias do Concelho de Vila Nova de Gaia. *Dissertação de Mestrado*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto.
- Carreiro da Costa, F. (2005). Mudar o currículo não significa necessariamente alterar as práticas educativas. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39, (2), 269-300.
- Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO (1978). Acedido em Março de 2008. Disponível em www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc119.pdf.

- Clark, C. e Peterson, P. (1986). *Teachers thought processes*. In, M. Wittrock (ed.), *Handbook of Research on teaching*, pp: 255-296. New York: Macmillan Publishing Company.
- CNAPEF (2002). Dez anos após a reforma. Perspectivas para a Educação Física e o Desporto Escolar. *Horizonte*, Vol. XVIII, 103 (XVIII), 32-39.
- Coelho, J. (2000). Student Perceptions of Physical Education in a Mandatory College Program. *United States Military Academy. Journal of Teaching Physical Education*, 19, 222-245.
- Condezza, I., Rego, I. e Caldeira, S. (2003). *A Indisciplina nas aulas de Educação Física – Crenças de Professores e de Alunos, um Estudo nas Escolas dos Açores*. Ponta Delgada: UA e DREFD-RAA.
- Gonçalves, C. (1998). Relação entre características e crenças dos alunos e os seus comportamentos nas aulas de Educação Física. *Tese de Doutoramento*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- Leal, J., Carreiro da Costa, F. (1997). A Atitude dos alunos face à Escola, à Educação Física e alguns Comportamentos de Ensino do Professor. *Boletim da SPEF*, 15/16, 113-125.
- Lopes, R. e Cunha, C. (2007). *A Educação Física no Ensino Secundário: Estudo das Representações e Atitudes dos Alunos*. Universidade do Minho, LIBEC-CIFPEC.
- Kirk, D. (1997). Thinking Beyond the Square: The challenge to Physical Educators in New Times. *Quest*, 49, pp.182-186.
- Marmeleira, J. e Gomes, G. (2007). A Disciplina de Educação Física no Ensino Secundário – A perspectiva dos alunos do Sudoeste Alentejano. *Revista Horizonte*, Vol. XXI, 126, pp.36-41.
- National Association for Sport and Physical Education. (1995). *Moving into the future: National physical education standards. A guide to content and assessment*. St. Louis: Mosby.
- Neves, A. (1995). *Os professores e os programas de Educação Física. Representações e Atitudes. Dissertação de Mestrado*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto.
- Oliveira, L. (2002). Análise da Escola Portuguesa – Implicações de um sentido evolutivo. *Dissertação de Mestrado*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto.
- Tannehill, D., Romar, J., O'Sullivan, M.; England, K. e Rosenberg, D. (1994). Attitudes Toward Physical Education: Their Impact on How Physical Education Teachers Make Sense of Their Work. *Journal of Teaching Physical Education*, 13, 406-420.
- Vieira, F. (2003). As Orientações educacionais dos professores de EF e o currículo institucional. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.